



Democracia e Liberdade de expressão

Revista do Departamento de Filosofia da
Universidade Federal de Juiz de Fora



Girleene Alves da Silva – Reitora

Telmo Mota Ronzani – Vice-reitor

Instituto de Ciências Humanas

Fernando Perlatto – Diretor

Wagner Batelha – Vice-diretor

Departamento de Filosofia

Gustavo Arja Castañon – Chefe de Departamento

Rhamon de Oliveira Nunes – Coordenador do Curso

Humberto Schubert Coelho – Coordenador do PPG em Filosofia

Nathalie Barbosa de la Cadena – Diretora da Revista

É: Revista
Ética e
Filosofia Política

ISSN: 1414-3917

e-ISSN: 2448-2137

Comissão executiva

Nathalie Barbosa de la Cadena – Editora

Conselho Editorial

Boghos Levon Zekiyan (Università Ca' Foscari, Venezia)

Bruno Amaro Lacerda (UFJF)

Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)

Débora Mariz (UFMG)

Emmanuel Bermon (Université Bordeaux-Montaigne)

Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)

Fábio Fortes (UFJF)

Germán Martínez (Fordham University, NY)

Gustavo Arja Castañon (UFJF)

Humberto Schubert Coelho (UFJF)

Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)

Luciano Caldas Camerino (UFJF)

Luciano Donizetti da Silva (UFJF)

Luís Henrique Dreher (UFJF)

Manoela Roland Carneiro (UFJF)

Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)

Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)

Pedro Henrique Barros Geraldo

(Universidade de Montpellier)

Pedro Merluzzi (UNICAMP)

Paulo Afonso Araújo (UFJF)

Wolfram Hogrebe (Universidade de Bonn)

Sumário

A FENOMENOLOGIA E O POLÍTICO: A “DEMOCRACIA” EM REVISTA <i>Luiz Damon Santos Moutinho</i>	1
ARTE E POLÍTICA MENORES EM DELEUZE <i>Silene Torres Marques</i>	8
SARTRE <i>Thana Mara de Souza</i>	20
COMENTÁRIO ACERCA DA CONCLUSÃO DE A TRANSCENDÊNCIA DO EGO <i>Alexandre de Oliveira Torres Carrasco</i>	37
A “CORAGEM DA VERDADE” E O RISCO DA PALAVRA EM MICHEL FOUCAULT <i>André Constantino Yazbek</i>	68
MORAL E MEMÓRIA <i>Luciano Donizetti da Silva</i>	86
SEM CORPO <i>Juliana Oliva</i>	106
BERGSON E FREIRE EM DIÁLOGO - DEMOCRACIA, EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS EM GUINÉ-BISSAU <i>Tarcísio Jorge Santos Pinto</i> <i>Suleimane Alfa Bá</i>	130
FOUCAULT, LINGUAGEM E DISCURSO <i>Marcelo S. Norberto</i>	150
CONSCIÊNCIA IMAGINANTE, ÉTICA E LIBERDADE <i>Liliane Barros de Almeida</i>	166
DEMOCRACIA E LIBERDADE DE EXPRESSÃO EM MICHEL FOUCAULT <i>Paulo Roberto Andrade de Almeida</i>	190
BERGSON E A LIBERDADE COMO EXPRESSÃO DA VIDA <i>Aimberê Quintiliano</i>	210

POR QUE JÁ NÃO PODEMOS PENSAR ASSIM? <i>Alessandro Carvalho Sales</i>	230
MERLEAU-PONTY DO PONTO DE VISTA DE CERTO REALISMO <i>José Luiz Neves</i>	250
A TRADIÇÃO E SEU OUTRO <i>Fernando Monegalha</i>	269

Editorial

Democracia e Liberdade de Expressão

Esta edição da Revista é especial, pois reúne as conferências e palestras proferidas no XII Encontro Nacional do GT de Filosofia Francesa Contemporânea da ANPOF (24 a 26 de setembro de 2025, UFJF), evento que reafirmou a vitalidade da pesquisa brasileira dedicada à filosofia francesa contemporânea. O conjunto dos quinze trabalhos aqui publicados oferece um panorama abrangente das questões que atravessam o pensamento francês: democracia, liberdade, corpo, verdade, linguagem, subjetividade, violência, memória e criação. Para começar temos a conferência do professor Luiz Damon Santos Moutinho, que revisita a teoria fenomenológica da democracia em Claude Lefort. Luiz examina a concepção lefortiana do ‘lugar vazio do poder’ e da democracia como forma política fundada na indeterminação, confrontando-a com a experiência histórica das últimas quatro décadas. Sua conferência estabelece o eixo que atravessa todo o dossiê: a democracia como problema filosófico e histórico, sempre em revisão.

No mesmo sentido Silene Torres Marques visa o cinema moderno que, segundo Deleuze, nasce da crise da ação, quando personagens já não conseguem reagir ao intolerável e passam apenas a ver, inaugurando um cinema vidente. Essa vidência revela novas possibilidades políticas ao mostrar que o povo está faltando, tornando impossível representá-lo nos moldes clássicos. Silene mostra que, a partir daí, a arte assume a tarefa de ‘fabular um povo por vir’, criando enunciados coletivos que emergem das minorias e do impossível. A seguir, tem-se a dimensão política da verdade, que aparece com força no trabalho de Thana Mara de Souza, que analisa textos de Sartre sobre mídia, luta de classes e democracia. Ao imaginar uma sociedade em que verdade e objetividade perdem sentido, Sartre revela como a mídia burguesa mistifica e como a imprensa revolucionária pode preferir o

lirismo à verdade. Thana discute a atualidade desse diagnóstico em democracias que permanecem mais efetivas para ricos do que para pobres.

O tema da má-fé é retomado por Alexandre de Oliveira Torres Carrasco, que revisita o célebre capítulo de *O ser e o nada*. Alexandre mostra como a má-fé, ao mesmo tempo narrativa e teoricamente problemática, desafia a ontologia fenomenológica ao introduzir uma forma de negação ‘quase positiva’. Sua leitura detalhada revela a centralidade do tema na obra de Sartre e sua persistência nos textos posteriores. Também a democracia retorna como problema ético-político em André Constantino Yazbek, que analisa a parrêsia nos cursos tardios de Michel Foucault. A ‘coragem da verdade’ aparece como prática que a democracia garante, mas que também introduz um princípio aristocrático no interior do regime. André explora o risco da palavra verdadeira em contextos de crise, distinguindo o parresiasta do líder carismático e do orador sedutor, e mostrando como a parrêsia pode se degradar em demagogia.

A reflexão sobre ética, história e memória aparece no texto de Luciano Donizetti da Silva, que analisa Raízes da Ética de Sartre. Luciano articula ética, ontologia e temporalidade, mostrando que a moral surge da práxis situada e nunca de estruturas fixas. A liberdade, sempre enraizada na história, pode tanto reproduzir quanto transformar o sistema, revelando o caráter paradoxal da ética sartriana: porvir incondicionado que emerge de práticas históricas. E a questão do corpo e da violência é tratada de modo contundente por Juliana Oliva, que retoma a defesa de Simone de Beauvoir à militante argelina Djamilia Boupacha. Ao analisar a tortura, o desaparecimento e o silêncio imposto aos sobreviventes, Juliana mostra como o corpo é expressão da relação com o mundo e como sua aniquilação produz uma subjetividade silenciada. O texto conecta Beauvoir a contextos contemporâneos (Guantánamo, presídios brasileiros, Gaza, El Salvador), revelando a atualidade da reflexão existencialista sobre violência estatal.

A democracia como criação retorna no trabalho de Tarcísio Jorge Santos Pinto, que aproxima Henri Bergson e Paulo Freire. Tarcísio mostra como ambos concebem a democracia a partir da potência criadora da palavra, articulando conceitos como amor, abertura, igualdade, diálogo e conscientização, contrapondo-os às suas antípodas, desamor, pressão, fechamento, desigualdade e opressão, e revelando como filosofia e educação se entrelaçam na construção democrática. A linguagem e o discurso são retomados por Marcelo S. Norberto, que revisita A ordem do discurso para mostrar como Foucault desloca o foco do sujeito para os

procedimentos de exclusão. A linguagem aparece como campo de diagnóstico filosófico, tensionado por funções e papéis que escapam ao controle representacional. A literatura, especialmente Beckett, ocupa lugar central nesse deslocamento.

A ontologia sartriana retorna com Liliane Barros de Almeida, que articula liberdade, democracia e responsabilidade. Liliane defende que a liberdade de expressão é exigência ontológica da existência humana: a democracia é o regime que mais se aproxima da realização plena da liberdade situada, pois reconhece o sujeito como autor de suas escolhas e de sua palavra. Complementando essa leitura, Paulo Roberto Andrade de Almeida mostra como, mesmo sem tratar sistematicamente de democracia, Foucault a concebe como espaço da aleturgia (o regime do dizer verdadeiro) e como campo de constituição das subjetividades. A liberdade de expressão aparece como prática que emerge das relações de poder e que possibilita a formação do sujeito.

A reflexão bergsoniana sobre liberdade retorna com Aimberê Quintiliano, que aprofunda a distinção entre sociedade fechada e sociedade aberta, formulada em *As duas fontes da moral e da religião*. A democracia aparece como ‘acontecimento’, processo criador e expressão da vida interior. A liberdade, entendida como força vital e manifestação do *moi profond*, exige instituições que acolham a criatividade sem permitir que a liberdade de uns destrua a dos outros. Ainda, o pensamento de Bento Prado Jr. aparece no trabalho de Alessandro Carvalho Sales, que explora o problema da temporalidade e do devir na obra do filósofo brasileiro. A partir de um aforismo de 1981 e do texto sobre Gérard Lebrun, Alessandro destaca a contribuição singular de Bento ao pensamento contemporâneo, especialmente no que diz respeito ao movimento da filosofia e à experiência do tempo.

A fenomenologia da socialidade é retomada por José Luiz Bastos Neves, que revisita a crítica de Vincent Descombes à fenomenologia, especialmente a Merleau-Ponty. José mostra que, apesar das tentativas de abandonar a egologia husserliana, Merleau-Ponty ainda incorre em impasses ao tratar o mundo social como ‘espírito objetivado’. O texto avalia as respostas dos defensores da fenomenologia e identifica onde, de fato, Merleau-Ponty oferece elementos para enfrentar a crítica. E, para encerrar, Fernando Monegalha analisa a afirmação de Bergson de que ‘a democracia é de essência evangélica’ e tem ‘o amor como motor’. Fernando reconstrói a análise do misticismo no terceiro capítulo de *As duas*

fontes, mostrando como Bergson fundamenta essa tese aparentemente paradoxal, especialmente diante da separação moderna entre religião e política.

O conjunto das quinze contribuições revela a força intelectual do GT de Filosofia Francesa Contemporânea da ANPOF e sua capacidade de produzir leituras rigorosas, críticas e inventivas. Este volume não apenas registra um encontro, mas oferece ao leitor um panorama abrangente das questões que atravessam a filosofia francesa e sua recepção no Brasil. Que estas páginas sirvam como convite à continuidade do pensamento, à coragem da palavra e ao exercício crítico que a filosofia exige.

Luciano Donizetti da Silva